

ARQUITETURA E EDUCAÇÃO UMA COSTURA POSSÍVEL: POR NOVAS POSSIBILIDADES NA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS DE 0 A 05 ANOS DE IDADE.

Márcia Lacerda Santos Santana

Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC

Grupo de Pesquisa: Políticas Públicas e Gestão Educacional – PPeGE

Doutoranda do Programa Estado e Sociedade da USFB

marlacerda1@yahoo.com.br

Cândida Maria Santos Daltro Alves

Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC

Grupo de Pesquisa: Políticas Públicas e Gestão Educacional – PPeGE

candida_alves@yahoo.com.br

RESUMO

Este resumo é parte integrante de uma pesquisa ligada ao mestrado Profissional em Educação da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, na linha de Políticas Públicas em Educação. Neste recorte, apresentaremos parte do texto que sustenta a nossa argumentação teórica da importância dos espaços físicos das creches para o desenvolvimento das crianças pequenas, o espaço enquanto o 3^a mediador. A investigação na sua integralidade buscou responder sobre a influência do espaço físico na prática pedagógica desenvolvida pelos professores da unidade de educação do Proinfância no município de Itamaraju/BA. Tendo como objetivo geral dialogar sobre a utilização dos espaços físicos do Proinfância na organização da prática pedagógica dos professores. E como objetivos específicos identificar os espaços do Proinfância mais utilizados pelas professoras e quais práticas foram desenvolvidas nestes espaços; conhecer como os educadores vislumbravam os espaços físicos existentes na creche do Proinfância; listar algumas das possibilidades educativas dos diferentes espaços físicos da creche e avaliar com os professores, através dos seus registros, rotinas e planejamento dos espaços por atividades na organização da prática pedagógica destes. Foram abarcados estudos e pesquisas complementares da área da arquitetura e da educação em um diálogo necessário para explicação do objeto de pesquisa em questão. O caminho da pesquisa perpassou por uma abordagem qualitativa pelo método da pesquisa ação existencialista ancorado em Barbier (2007) e Freire (1996) tendo como referência para avaliação e teorização dos resultados as categorias Freirianas de situações-limites, atos limites, inédito viável e o ser-mais.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil, Espaços-físicos, Desenvolvimento Infantil.

INTRODUÇÃO

Este texto apresenta parte do referencial teórico e alguns resultados da investigação realizada em uma creche na cidade de Itamaraju/BA que buscou na sua integralidade responder sobre a influência do espaço físico na prática pedagógica desenvolvida pelos professores da unidade de educação do Proinfância no município de Itamaraju/BA. Os textos básicos para essa discussão vieram da área da arquitetura e da educação. Na educação as contribuições vieram da legislação e das publicações oficiais sobre o Programa Proinfância (2007-2018), das pesquisas já realizadas sobre o programa no Rio Grande do Sul (2015) e na Bahia (2014) e pela revisitação de duas experiências já realizadas no Brasil e suas contribuições para a discussão desta temática: a Escola Parque do grande educador Anísio Teixeira (Dórea 2000), e os Parques Infantis de Mario de Andrade na cidade de São Paulo (Faria, 1993). Também dialogamos, sempre com o foco no entendimento de espaço físico, com os documentos oficiais produzidos no Brasil de 1998 a 2018 que desenharam e normatizaram a pedagogia oficial para Educação infantil em prática. Na área da arquitetura o diálogo foi com os estudos das pesquisadoras Lima (1989 e 1995), Kowaltowski (2011) e Faria (2012).

O caminho da pesquisa perpassou por uma abordagem qualitativa pelo método da pesquisa ação existencialista ancorado em Barbier (2007) e Freire (1996) tendo como referência para avaliação e teorização dos resultados as categorias Freirianas de situações-limites, atos limites, inédito viável e o ser-mais. Foram realizados 12 encontros de diálogos com 13 professores, 11 monitores, 01 diretor e 01 coordenador pedagógico como a principal ferramenta de pesquisa e de co-formação desta investigação. As discussões realizadas nestes encontros com o pesquisador coletivo foram subsidiadas pelas anotações do diário de itinerância da pesquisadora e dos registros fotográficos do cotidiano da creche realizados por todos os sujeitos da pesquisa.

Todas as etapas da pesquisa estabelecidas por Barbier (2007) foram cumpridas através dos encontros de diálogos. Realizamos no espaço temporal da pesquisa (outubro de 2017 a junho de 2018) 12 encontros divididos em 03 etapas: Primeira etapa destinada a identificação e discussão do problema e a contratualização do grupo para constituição do pesquisador coletivo; segunda etapa com foco na identificação do pesquisador coletivo/traçar perfil e na

busca por organizar um planejamento/agenda com a combinação dos tempos individuais/coletivo para os encontros; terceira etapa aprofundamento das questões relativas ao uso dos espaços e da prática pedagógica dos professores; na quarta etapa destinada a avaliação e teorização dos dados obtidos para construção final do texto da pesquisa.

Sobre o local de pesquisa a creche do Proinfância na cidade de Itamaraju no Extremo Sul da Bahia, está localizada em uma comunidade da periferia da cidade que teve o seu início via processo popular de ocupação em 1991, em uma área que pertencia ao Município de Itamaraju, comprada pela prefeitura para a construção, que não ocorreu, de uma Escola Agrícola Federal. A comunidade ao entorno da creche é marcada pela exclusão social e o alto índice de violência urbana, hoje com cerca de oitocentas casas, mais ou menos dois mil moradores e com três projetos habitacionais: Minha casa Melhor, Programa de Subsídio a habitação de Interesse Social (PSH) com 98 casas, Defesa Civil com 13 casas, o FINS com 70 casas. A previsão é que cerca de mil e quatro novas casas sejam entregues a comunidade no conjunto Habitacional Vista Bela do programa Minha Casa Minha Vida com expectativa para três mil novos moradores.

DESENVOLVIMENTO

Notadamente nas últimas décadas tanto na arquitetura como na pedagogia tem crescido o interesse pela pesquisa com crianças pequenas e sobre os espaços físicos mais adequados para o desenvolvimento das suas potencialidades e que respeite as suas especificidades. A partir de 1988 com a promulgação da Constituição Federal ganhou corpo no Brasil a consciência do direito das crianças pequenas à educação em espaços públicos e coletivos. Na mesma direção foi crescente também a correria para produzir documentos oficiais que pudessem padronizar e operacionalizar essa nova oferta de educação pública e também normatizar e autorizar esses novos estabelecimentos de educação. Um novo campo de pesquisa e estudo se constitui no Brasil. Era preciso responder que tipo de educação e que tipo de espaço físico era mais adequado ou atenderia melhor as especificidades desse público. Vários olhares e de muitas áreas se voltaram para a pesquisa com crianças pequenas.

Nos diálogos que se fizeram necessário para a explicação do nosso objeto de pesquisa vamos nos deter neste recorte da arquitetura com as contribuições das pesquisadoras Lima (1989 e 1995), Kowaltowski (2011) e Faria (2012). Iniciamos o nosso diálogo com Kowaltowski (2011), para a pesquisadora o ambiente escolar tem impacto significativo sobre

a aprendizagem e a qualidade da arquitetura escolar afeta profundamente os seus usuários. Enfatiza, que os espaços devem proporcionar experiências de impacto estético positivo, adaptar-se ao contexto, serem convidativos e confortáveis, além de atender as necessidades dos seus usuários e serem responsáveis ambientalmente.

Para Kawaltowski (2011) em uma perspectiva histórica a educação mostrou transformações nos últimos cinquenta anos, dentre elas estão: maior liberdade para o aluno; menos disciplina no comportamento; atuação mais livre do professor; abolição dos castigos físicos em muitos países; escola mais inclusiva e menos elitista; maior número de material e equipamentos tecnológicos e aumento da autonomia nas escolas públicas. Esses cenários e a reflexão sobre essas tendências, mostram influência na composição do ambiente escolar. Afirma a pesquisadora que o ambiente escolar depende das condições econômicas, sociais e culturais de cada momento e de dada realidade e dos seus sistemas de ensino. Para essa autora, a qualidade dos ambientes escolares é marcada por aspectos subjetivos diversos que envolvem as questões organizacionais e humanas. Entre os aspectos subjetivos os elementos físicos do ambiente escolar para a pesquisadora são os menos citados nas discussões pedagógicas ou sobre estilos de aprendizagem (Kowaltowski, 2011, p.40). O prédio escolar segundo a autora passou a assumir um grau de importância na história da arquitetura escolar depois que o espaço começou a ser visto como um terceiro educador - 1ª é o profissional; 2ª é o material; e o 3ª é o ambiente escolar -, (Kawaltowski, 2011 p.109).

Outro dialogo possível foi com Mayaumi Lima. As contribuições vindas do pioneirismo da arquiteta Mayaumi Lima marcou o início no Brasil deste intercâmbio entre arquitetura e educação. Com muitos anos de trabalho junto a educadores, administradores de ensino básico, creches e crianças fora e dentro de instituições, Mayaumi Lima discutiu e analisou questões relativas aos espaços destinados à criança em nossa sociedade. Lima (1998) diz que todo espaço produzido pelo homem interfere no processo educativo de forma positiva ou negativa. O espaço condiciona nossos gestos diários, habitua nossa visão, estimula elementos simbólicos, estabelece pontos de referência. Para o ser humano, o espaço, além de ser um elemento potencialmente mensurável, é o lugar de reconhecimento de si e dos outros, porque é no espaço que ele se movimenta, realiza atividades e estabelece relações sociais (LIMA, 1995, p. 187)

Nossa última contribuição vem da arquiteta Ana Beatriz Goulart de Faria. Que nesse diálogo nós remete para um olhar criterioso sobre o papel e a importância dos órgãos públicos neste processo. Os responsáveis por pensar e construir escola no Brasil, para a arquiteta, estão

em mundos paralelos e não dialogam. Faria (2012) afirma existir entre as prateleiras das universidades, as pranchetas dos arquitetos, os gabinetes e os canteiros de obra das escolas públicas no Brasil um mundo paralelo, que os separam pelo um grande desvão que não permite nem a existência de polêmicas entre eles. Há sim para a autora, ausência, interrupção e isolamento dos órgãos que pensa a função da escola (SEB/MEC) e os órgãos que financia e constrói a escola (FNDE). Por conta destas questões e que a autora afirma que esses espaços educativos, são deseducativos. Pois não acolhem, não promovem a autonomia e a criatividade, não permitem a prática e o desenvolvimento das múltiplas linguagens, da curiosidade, do imprevisto e da liberdade daqueles que os frequentam.

A Proposta da arquiteta é que devemos vencer essa lógica. E caminhar para além do automatismo da resposta-atividade e das metodologias com base no espaço funcional. Faria (2012) esclarece que não estar propondo algo novo, pois no Brasil, admite a pesquisadora, muita gente já trabalha nesta direção há bastante tempo, nas políticas públicas e na universidade, dentre elas cita a arquiteta: Anísio Teixeira, Mario de Andrade, Paulo Freire, Darcy Ribeiro, Mayumi Souza Lima, e outros.

Para Faria (2012) é necessário partirmos dos pontos de vista apresentados acima e questionarmos o modelo de escola que foi concebido no século 19, como Grupos Escolares, no velho padrão corredor/sala de aula. Outro questionamento necessário é quanto à organização dos espaços externos e ao isolamento da Instituição escolar, não só administrativa, mas também fisicamente, sem considerar o potencial educativo dos bairros e das cidades. Nestes questionamentos a arquiteta convida, os pesquisadores-professores-fazedores-de-arquitetura a entrarmos neste debate. E foi com essa disposição que adentramos no período de pesquisa de campo para realizar juntamente com as professoras da creche uma reflexão/avaliação do espaço físico da Creche Bela Vista.

RESULTADOS

O período de imersão na creche foi de 06(seis) meses de outubro de 2017 a março de 2018. O trabalho foi organizado em 06 grupos. Cada grupo trabalhou com texto de temática diferente sobre espaço físico e prática pedagógica. Os textos escolhidos foram retirados da coletânea elaborada durante o período de Assessoramento das Unidades do Proinfância do Rio Grande do Sul – Livro 1, Docências na Educação Infantil: Currículo, Espaço e Tempos (MEC/SEB 2016). Os 06 textos foram: A música como proposta de canto e encanto na educação infantil,

pag.107; os bebês na educação infantil: Transformação na ação pedagógica- pag.127; por um mundo mais colorido: Conhecendo e aprendendo mais sobre diversidade- pag. 145; conhecendo o mundo através dos passeios – pag.171; Metamorfose –pag. 179; família presente na escola: relato de prática pedagógica – pag.199; e por último brinquedoteca: um espaço de brincadeiras e vivências-pag.205.

Os encontros de diálogo tinham duração de 04 horas e as datas foram combinadas e agendadas anteriormente na oportunidade de assinatura do termo do TCLE. Combinar os tempos individuais dos professores com o calendário da pesquisa foi um desafio o que requereu do grupo muita boa vontade, abertura e vontade de participar. Contamos também com a colaboração da Secretaria de Educação do Município via a coordenação de educação infantil que possibilitou a realização de alguns diálogos nos horários destinados aos ACs.

Ao todo foram realizados 12 encontros, destes 03 foram voltados para a questão exclusiva de repensar e propor alternativas para o uso dos espaços físicos da creche. Passaremos a seguir a descrever essas discussões relatando o posicionamento do grupo em relação as questões propostas. Na questão relacionada as condições dos espaços físicos da creche e sua adequação as atividades com a educação infantil, o grupo foi unanime em afirmar que o espaço era adequado para as crianças pequenas, porém com exceção do pátio aberto que interliga as alas. Para o grupo a falta de cobertura traz muito sol nos dias ensolarados e muito vento e frio nos dias de chuva. Neste pátio fica o espaço do mini-anfiteatro apontado também pelo o grupo como espaço inadequado pela falta da cobertura. No quadro abaixo apresentamos, a partir dos registros no diário de itinerância e relatos nos diálogos com as professoras, as atividades mais utilizadas por espaços físicos. Através da análise do quadro o grupo chegou à conclusão de que deveríamos aprofundar o estudo nas possibilidades de uso da sala de multiuso/brinquedoteca, sala de laboratório e minianfiteatro. Espaços esses, poucos utilizados ou subutilizados segundo os participantes da pesquisa.

QUADRO 01: ATIVIDADES DESENVOLVIDAS POR ESPAÇOS FÍSICOS

ESPAÇOS	ATIVIDADES CITADAS
Hall de entrada	Acolhida das crianças e das famílias, exposição dos trabalhos realizados nos projetos didáticos, passeio com o carrinho do berçário.
Praça Central	Interação entre as faixas etárias, atividades que envolvem movimentos amplos como brincar, engatinhar, locomoção, experiência com materiais concreto, recreação e apresentação em geral, brincadeiras, socialização dos projetos, circuito, pista etc.,

Sala de referência	Atividades que possibilitam a construção e descoberta do conhecimento. Jogos simbólicos. Trabalha os conteúdos planejados, leitura, músicas e brincadeiras, histórias e vídeo, exposição dos temas, contação de história, desenvolvimento da rotina, atividades orais e escritas, atividades de linguagem e matemática.
Sala multiuso/ Sala de vídeo	Apresentação com Datashow, Vídeos, filmes, atividades com microfone, e TV e o culto.
Sala da brinquedoteca	Leitura, brincadeiras livres e dirigidas.
Recreio Coberto	Brincadeiras diferenciadas e assistidas, atividades no parque, atividades dirigidas, movimento e brincadeiras, aula de movimento, Cantiga de roda.
Área de jardim	Jogos sensoriais e manipulativos com areia, água, terra, pedras e plantas, plantio e cultivo de plantas, trabalho de campo, observação, plantação e cuidados, regar as plantas e observar o crescimento e de horta.
Minianfiteatro	Apresentação de eventos, apresentações
Solário	Movimento corporal e coordenação motora com jogos, socialização e autonomia da Criança. Atividades com água, tinta, materiais para subir, escorregar, é entrar em túneis, atividades dirigidas e livres , brincadeira de bola e boliche, entrar e sair de túnel, banho de sol, construção coletiva, experiências, experiências com plantas , movimento é brincadeiras
Refeitório	Alimentação

FONTE: Dados da Pesquisa / Diário de Itinerância e Diálogos, 2018.

De posse das informações do quadro acima passamos a pensar e propor ações para o uso mais assertivos destes espaços de acordo com as leituras realizadas. Surgiram várias contribuições importantes que foram entregues a coordenadora pedagógica para futura inclusão no plano anual da creche. Relataremos algumas das ações pensadas para potencializar o uso de alguns dos espaços físicos. Os referenciais estudados foram fundamentais para ajudar o grupo a repensar no coletivo como estava sendo o uso pedagógico destes espaços e a partir de uma ação-reflexão da prática, identificar onde havia subutilização ou até não utilizados dos espaços já por um longo período. Abaixo apresentamos um quadro sínteses das intervenções proposta pelo o grupo para o trabalho na creche baseado nas leituras realizadas. Devido a extensão do quadro resolvemos apresenta-lo em três partes. Primeiro quadro vai trazer as propostas para o espaço da praça central, minianfiteatro, solários e salas de referências.

QUADRO 02: PROPOSTAS PARA O TRABALHO NA CRECHE BELA VISTA- PRAÇA CENTRAL, MINIAFITEATRO, SOLARIOS E SALAS DE REFERENCIAS

FONTE: Dados da Pesquisa / Diário de Itinerância e Diálogos, 2018.

QUADRO 02: PROPOSTAS PARA O TRABALHO NA CRECHE BELA VISTA -

ESPAÇO	STATUS	PROPOSTAS DOS GRUPOS
Praça central	Bem utilizada /precisa melhorar – Utilizado todos os dias. Oferece um espaço rico para os jogos simbólicos e os jogos de movimentos amplos, porém falta materiais disponíveis para os jogos de contagem/construção.	Organizar um cantinho para os desafios dos jogos de montagem e construção.
Mini-Anfiteatro	Não utilizado – Os professores relataram a dificuldade de utilização deste espaço por se tratar de um espaço que fica no meio do pátio sem cobertura e sujeito ao sol e chuva durante todo o dia.	Buscar alternativas para cobertura do espaço; Necessidade foi apresentada aos funcionários da secretária de obra da prefeitura municipal em visita a creche depois das nossas conversas e estes se comprometeram em providenciar uma cobertura para o espaço.
Sala de referência: a) Pré-escolar; b) Creche III, Creche II e Creche I	a) bem utilizada – os espaços das salas do pré-escolar 4 e 5 tem na sua organização uma distribuição de materiais e mobiliário que chega mais próximo ao sugerido pelo o material orientador do Proinfância. b) precisa melhorar – as salas destinadas as creche III , II e I ,são salas divididas em dois espaços. E o segundo espaço subutilizado pelas crianças e o professor. Tendo a concentração das atividades todas no primeiro espaço que por presença das mesinhas, cadeiras, bancadas e prateleira acaba ficando pequeno e sem espaço para brincadeiras espontânea e no chão. Foi registrado também a presença de letras e números nas paredes destas salas.	Reforçar o trabalho com ambientes diferenciados na mesma sala com as turmas do pré-escolar 4 e 5. Estudar formas de melhorar a distribuição de moveis e materiais nas turmas da creche III, II e I. Diversificar os ambientes nestas salas. Propor atividades que diminua a tempo sentados nas mesinhas. Utilizar outros materiais para acomodar as crianças com almofadas, tapetes e colchonetes.
Solário	Utilizado /Precisa melhorar – Os professores relatam que o piso do solário é muito áspero. Porém é utilizado toda vez que as atividades requerem o uso de materiais que provoca muita sujeira. O trabalho com tinta, argila e outros.	Dificuldade com o piso foi apresentado aos técnicos da Secretária de Obras do Município que prometeram coloca emborrachado no piso.

BRIQUEDOTECA, SALA MULTIUSO E JARDINS

Brinquedoteca	<p>Subutilizada /Precisa melhorar</p> <p>- Poucas experiências dos professores com esse espaço /dúvidas sobre o trabalho na biblioteca.</p> <p>Crença de que o brinquedo tem que ter caráter didático; Crença de que não se pode brincar por brincar;</p> <p>Dificuldade em brincar com as crianças;</p> <p>Falta de jeito para trabalhar com atividades livre;</p>	<p>Fazer agenda de uso do espaço. Brincar com a crianças/Organizar caderno de anotações das observações sobre o desenvolvimento das crianças enquanto brinca e interação com os outros. Organizar campanha para adquirir mais brinquedos. Confeccionar brinquedos com as crianças e as famílias. Fazer uso do espaço para conhecer mais as crianças através da interação e da brincadeira. Organizar juntamente com a coordenação pedagógica uma oficina de brincadeiras com os professores e de cantação.</p>
Sala multiuso	<p>Não utilizado há um tempo – Havia uma prática de uso desta sala com atividades que envolvia a TV. Porém a TV quebrou desde o final do ano passado (2017) e a partir de então os professores não mais fez uso da sala. Este espaço também apresenta problemas estruturais com as instalações elétricas o que dificulta o uso de ventiladores e do ar condicionado que a pesar de instalado nunca pode ser utilizado.</p>	<p>Fazer uso de atividades que não dependa de muita eletricidade. Transformar esse espaço em um atelier para atividade de arte e cultura. Com práticas de atividades grafo-plásticas, modelagem em argila e outros materiais, trabalho com texturas e um pequeno laboratório de reciclagem e reaproveitamento de embalagens para construção de brinquedos e lembranças para os eventos da creche.</p>
Jardim	<p>Bem utilizado / precisa melhorar – Utilizado todos os dias. Existe uma grande área de jardins, porém subutilizada pelas turmas por não possuir ambientes ou materiais que traga desafios as crianças.</p>	<p>Com material reaproveitado construir juntamente com as crianças e pais voluntários estações sensoriais para experiências com sons, cores, texturas e movimento.</p>
Parque aberto	<p>Bem utilizado /precisa melhorar. O acesso ao parque só acontece no horário do recreio onde todas as crianças estão livres gerando uma concorrência por brinquedos muito grande. E o tempo de 20 minutos para lanche e brincar é pouco.</p>	<p>Organizar calendário de uso do parque aberto por todas as crianças/turmas dentro do horário estimado para as atividades educativas. Com a presença do professor e monitor da turma.</p>

FONTE: Dados da Pesquisa / Diário de Itinerância e Diálogos, 2018.

QUADRO 02: PROPOSTAS PARA O TRABALHO NA CRECHE BELA VISTA - HORTA

<p>Horta</p>	<p>Precisando melhorar - A horta já foi bem explorada pelo grupo- início da pesquisa existia uma horta e as turmas interagiam bem com ela. Hoje o trabalho com a horta precisa ser retomado e a atividade reestruturada.</p>	<p>Fazer uma campanha de reestruturação do espaço da horta juntamente com a comunidade e agenda de dia /turma para atividades com as crianças de observação, plantio, conservação e pesquisa.</p>
---------------------	--	---

FONTE: Dados da Pesquisa / Diário de Itinerância e Diálogos, 2018.

Um dos espaços que mais gerou divergência sobre o uso foi a brinquedoteca, todas as professoras afirmaram utilizar, porém havia compreensões bem diferentes sobre o uso, as atividades e finalidade deste espaço. Após a experiência com a leitura do texto sobre a brinquedoteca foi possível para alguns professores uma reflexão sobre as suas crenças/valores ligadas a importância deste espaço do brincar e da brincadeira para as crianças. Depoimentos importantes foram socializados por alguns professores que apesar de se “arriscar” em utilizar esse espaço não souberam bem o que fazer com o comportamento das crianças e com deveria se comportar diante das situações apresentadas.

“Bem como gosto de mim ariscar levei as crianças a brinquedoteca. Enquanto andávamos pelo pátio em direção a brinquedoteca estava todo mundo cantando na fila, mais quando entraram começaram a correr pegaram o balde de bolinhas e começaram a jogar para todo o lado a janela estava aberta e eles jogaram as bolinhas tudo para fora da sala”.

Professor Lírío – creche 03

“Bem queria muito levar as crianças a brinquedoteca mais tinha muito medo que elas rasgasse alguma coisa ou quebrasse os brinquedos. Mais arrisquei mesmo assim, quase fiquei maluca com as crianças. Abriram os armários tiraram tudo de dentro e queria era brincar com o armário entrando e saindo batendo as portas e gritando. Ninguém mim ouvia, pedir várias vezes só que eles falavam que tio cravo havia deixado e que era muito legal. ”

Professora Margarida – creche 03

“Em outra experiência enquanto eu acalmava a turma duas crianças acharam o caderno de registro da coordenadora que ela havia esquecido por lá e fizeram a festa riscando tudo, fiquei desesperada. ”

Professora Margarida – creche 03

Encerramos as discussões deste grupo de diálogos falando da grande necessidade de continuarmos estudando essa temática para além do corte temporal desta pesquisa. E que eu

enquanto pesquisadora e colaboradora da creche continuaria à disposição do grupo para estudos posteriores.

CONCLUSÃO

Quanto aos resultados, Barbier (2007: p.144) afirma que uma pesquisa-ação só chega ao fim quando o problema inicial é resolvido e questiona o teórico se isso é realmente possível. Para Barbier (2007: p.145), somente as pessoas ligadas ao problema podem afirmar com certeza se esse foi resolvido e que a última palavra sempre será dos membros do grupo-alvo de educadores da creche.

Concluimos a pesquisa com a consciência de que fechamos um ciclo. O ciclo oficial dentro do que previa o calendário da pesquisa e do curso de Mestrado. Porém com o firme propósito de que esses estudos não devem parar por aqui. Eles devem continuar ou por mim ou pelo grupo. Para Freire (1996) é essencial a relação docência-discência para a atuação do professor que se compromete com o engajamento político libertador e que quer atuar como sujeito do processo educativo, juntamente com os educandos no caso da creche com as crianças. Foi possível avaliar neste espaço/tempo algumas nuances em relação ao nosso objeto de estudo e nossa questão de pesquisa. Porém, a medida que respondíamos algumas questões outras e outras surgiam. O importante, o essencial que marca esse nosso período de estudo, pesquisa e co-formação é o desejo presente nos depoimentos dos professores da necessidade e vontade de fazer diferente. Nasceu a consciência de que é necessário mudar. Acreditamos que demos os primeiros passos ainda recheados de incertezas e insegurança quanto ao futuro, tanto profissional, quanto formativo. Porém foi instalado no íntimo do nosso ser que podemos Ser-Mais. E que o coletivo vence e caminha melhor que o individual. Esperamos destes professores-sujeito mobilizados que continuem em um crescente rumo a autonomia em suas práticas docentes. Que organizados como estão cataloguem suas experiências de práticas pedagógicas com uso dos espaços diferenciados com crianças pequenas e socializem com os demais professores da nossa cidade criando uma corrente e uma rede de inovação e reflexão sobre as práticas pedagógicas e o uso dos diferentes espaços na pedagogia com crianças pequenas.

REFERÊNCIAS

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Brasília: Líber Livro, 2007.

DÓREA, C. R. D. **Escola:** o espaço e o lugar da educação; a política de edificações escolares no Rio de Janeiro (1931-1935). In: *III Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação*. Coimbra - Portugal, 2000.

FARIA, Ana Lúcia Goulart. **Direito à infância:** Mário de Andrade e os parques infantis para as crianças de famílias operárias na cidade de São Paulo (1935-1938). São Paulo. 1993. 175 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

FARIA, A.B.G. **A conversa da Escola com a Cidade:** Do Espaço Escolar ao Território Educativo. Dissertação de mestrado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, p. 85, 1996.

LIMA, M. W. S. **Arquitetura e educação.** São Paulo, Studio Nobel, p.187, 1995.

_____. **A cidade e a criança.** São Paulo: Nobel, 1989.

_____. **Espaços Educativos:** usos e construções. Brasília, MEC, 1998.

KOWALTOWSKI, Dóris C.C.K. **Arquitetura escolar:** o projeto do ambiente de ensino. São Paulo: Oficina de Textos, 2011.